



REVISTA BIO ICB

[Pergunte ao Professor](#)

[Vídeos Educacionais](#)

[Eventos Científicos](#)

[Matérias Anteriores](#)

[Instruções para autores](#)

[Expediente da revista](#)

TWITTER

Carregando os dados do twitter...

Home » Revista Bio ICB » Matérias Anteriores » Comissão tenta solução para animais abandonados no campus

COMISSÃO TENTA SOLUÇÃO PARA ANIMAIS ABANDONADOS NO CAMPUS

Por Carolina Drago



Cada coisa em seu lugar. Ideia simples, mas pertinente. Se fosse respeitada, poderia evitar desconfortos como os que alunos e professores do Centro de Ciências da Saúde (CCS) da UFRJ declararam enfrentar.

Isso porque o CCS, que abriga cursos responsáveis pelo cuidado com a saúde, tem sido obrigado a dividir suas instalações com cães e gatos. Os animais, que têm passe livre pelos corredores do prédio, são responsáveis por alguns contratemplos.

Todos concordam que eles têm direito ao respeito e ao cuidado. Mas será o espaço universitário o melhor lugar para acolhê-los? E justamente num Centro de Ciências da Saúde?

A questão divide opiniões dentro da própria unidade. Há os que defendem a presença dos animais e os que a condenam. Ouvimos um dos lados dessa moeda, a professora Sônia Costa, coordenadora da Comissão de Biossegurança do CCS.

Como fez questão de esclarecer, para ela o problema não são os animais em si, mas o fato de ocuparem um espaço inadequado para eles mesmos e também para funcionários e alunos. Além, claro, de sua presença ser incompatível com as exigências das pesquisas que a Instituição desenvolve. Afinal, o Centro de Ciências da Saúde da UFRJ é um dos centros que mais produzem ciência de qualidade no país, o que implica, como consequência, no compromisso com a qualidade do ambiente onde esse trabalho é realizado.

A Comissão de Biossegurança, composta por representantes de várias Unidades, há quase um ano foi encarregada pelo Decano de propor uma solução aos problemas causados pelos animais no prédio do CCS. Dentre esses inconvenientes, destacam-se os ataques a pessoas - como o episódio vivido pelo professor Newton Castro, ferido por dois cães na saída do subsolo do Bloco J - e os prejuízos causados por gatos - como a sujeira, o mau cheiro, a infestação de pulgas e até acidentes com danos materiais relevantes a equipamentos de laboratórios.



Outro ponto mencionado pela professora foi a vulnerabilidade do Centro de Ciências da Saúde, já que não apenas os animais podem circular livremente, como qualquer pessoa estranha às atividades do CCS tem acesso através das portarias e estacionamentos. Essa debilidade da segurança facilita o abandono de cães e gatos, além de representar outros riscos aos frequentadores legítimos das Unidades situadas no prédio.

Como confirmou Sônia Costa, esse problema não envolve apenas a questão dos animais, mas o próprio sistema de acesso ao prédio, que depende de instâncias superiores.

Empenhada em resolver a situação, a coordenadora da Comissão aceitou esclarecer outras questões que se escondem por trás dessa polêmica.

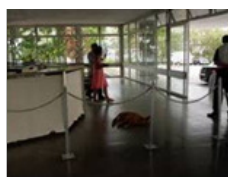
Revista Bio: A iniciativa de retirada dos animais do CCS teve sua primeira manifestação concreta em abril de 2009, quando a Comissão apresentou formalmente sua proposta preliminar de ação aos membros do Conselho de Centro do CCS. Desde o início, pelo que foi apresentado, pretendeu-se uma ação conjunta. Quais os grupos direta ou indiretamente relacionados a essa proposta? De que forma cada um deles se comprometeu a atuar em prol da retirada dos animais?

Sônia Costa: A proposta da Comissão de Biossegurança se baseou na integração entre as partes envolvidas no problema, ou seja, a Decania do CCS e suas instâncias administrativas, a própria Comissão de Biossegurança e o grupo de cuidadores de cães e gatos no CCS, representado pela UFRJ-Convive, com o apoio da Prefeitura do campus da UFRJ. Nessa proposta caberia à UFRJ-Convive providenciar a captura dos gatos nos interblocos, sem o que não se poderia passar às etapas posteriores: castração e adoção. À Comissão de Biossegurança caberia providenciar a castração dos animais. Neste sentido, foi feito um acordo com a Secretaria Municipal do Rio de Janeiro para castração de até 20 animais a cada sexta-feira, sob agendamento prévio. Os animais



castrados seriam conduzidos para adoção com a participação da UFRJ-Convive. A Prefeitura contribuiria com a maior vigilância para evitar o abandono dos animais, com viaturas para levar os animais para a castração e outros meios que não fossem disponíveis no CCS.

Revista Bio: Houve alguma resistência em relação a essas medidas?



Sônia Costa: Não houve manifestação contrária a esta proposta por parte dos membros do Conselho de Centro. Acredito que a maioria das pessoas que frequentam o CCS, que têm respeito às normas de biossegurança e que sofrem com os prejuízos causados pela presença desses animais, é favorável à remoção dos mesmos. Na prática, ainda não se deu início ao processo de remoção dos gatos dos interblocos, em especial os do interbloco J. Esses gatos são ariscos e necessitam ser capturados com armadilhas. A Comissão

de Biossegurança contatou um fabricante deste tipo de equipamento, recomendado por biólogos para captura de animal, sem provocar ferimentos. É importante lembrar que os gatos mansos que vivem dentro de laboratórios e corredores do prédio ainda não foram removidos. Esses teriam apenas que ser adotados. Enquanto isto não ocorre, esses animais também estão sujeitos às condições de risco nos laboratórios em que se encontram.

Revista Bio: Que prejuízos já foram relatados por alunos e professores como consequência da presença de cães e gatos no Centro de Ciências da Saúde?

Sônia Costa: Nós já tivemos prejuízos materiais por danos a equipamentos de laboratório, proliferação de carrapatos de cães no Centro da Convivência, de ratazanas atraídas por restos de comida nos vários locais do CCS, pulgas e, sobretudo, ataques físicos a pessoas (mordidas de cães) que poderiam ter tido consequências muito piores. É comum encontrarmos fezes e urina de cães nos corredores do prédio e latas de lixo reviradas, principalmente após o final de semana. As pessoas acabam pisando nos excrementos e levando resíduos para dentro dos laboratórios, contaminando o ambiente. Estas contaminações podem ser extremamente nefastas aos trabalhos de pesquisa desenvolvidos nos laboratórios.

Revista Bio: Como essa situação interfere na visibilidade do CCS diante da vigilância sanitária?

Sônia Costa: A atual situação não é compatível com as exigências dos nossos órgãos de vigilância sanitária. A Organização Mundial de Saúde diz em seu manual de biossegurança que apenas animais de laboratório podem ser mantidos em locais onde se faz pesquisa. Não é o caso no CCS.

Revista Bio: A retirada definitiva de cães e gatos depende não apenas do esforço já mencionado, mas do investimento na segurança no prédio do CCS, para que, depois da retirada, outros animais não sejam abandonados novamente. Quais medidas de segurança deveriam ser tomadas para esse fim e quais já foram colocadas em prática?

Sônia Costa: Para manter o prédio do CCS livre desses animais é fundamental que novos abandonos não ocorram. E isto depende de uma ação efetiva da Prefeitura da UFRJ, pois é comum nos finais de semana pessoas abandonarem cães e gatos no campus do Fundão. Hoje, impedir esses abandonos dentro do CCS é uma missão impossível, pois, diferentemente de outros prédios situados no campus do Fundão (por exemplo: CENPES, CETEM), o prédio do CCS é totalmente aberto. Em princípio, cercar o prédio e proceder ao controle individual são medidas que dificultariam a entrada de pessoas estranhas. Com isto evitaríamos que abandonassem dentro de estacionamentos ou mesmo nos corredores do prédio, animais adultos, fêmeas prenhas e filhotes, como fazem atualmente. O que temos no momento são as portarias, mas não existe o controle. Apenas nos finais de semana e feriados as pessoas são solicitadas a se identificarem para entrar no prédio, na portaria do bloco A. Já os cães e os gatos circulam livremente...

Revista Bio: Fala-se muito da ameaça dos animais aos funcionários e frequentadores do CCS, mas cães e gatos já foram também vítimas da incompatibilidade entre sua presença e o ambiente universitário, como o caso de um gato que entrou no barramento de alta tensão, morrendo eletrocutado. De que maneira fatos como esse, que denunciam o perigo do lugar para os próprios animais, repercutiram nos grupos envolvidos nesse trabalho de remoção?

Sônia Costa: Todos nós ficamos profundamente abalados com este tipo de acidente, pois o animal sofre uma morte cruel. Já houve três acidentes desta natureza desde que foi instituída esta atual Comissão de Biossegurança. Os acidentes apenas comprovam que o ambiente do CCS não se presta à manutenção desses animais domésticos (domus = casa, lar) em nossas instalações para atividades profissionais. Este convívio é perigoso para eles e para nós. É um convívio de riscos para ambas as partes!

Revista Bio: Desde a criação, em outubro desse ano, de uma subcomissão para cuidar apenas do assunto “cães e gatos no CCS”, algumas conquistas puderam ser comemoradas. Dentre elas, a adoção de oito gatos que ocupavam a arena do prédio e a postura comprometida da UFRJ-Convive, que se declarou empenhada em contribuir para a retirada dos animais. Na sua opinião, a Universidade caminha para uma mudança de mentalidade? Quais as perspectivas dessa questão para o futuro?

Sônia Costa: Com a criação dessa subcomissão – Prof. Mario Alberto Cardoso da Silva Neto, Prof. Marco Antônio Lemos Miguel e Dr. Paulo Hobaica (veterinário) – dentro da Comissão de Biossegurança do CCS, pretendemos acelerar o processo de remoção desses animais, com a



participação efetiva da UFRJ-Convive. Essa subcomissão está estudando medidas que possam ajudar na etapa após a castração dos animais, os quais necessitam de um local para recuperação antes de serem colocados para adoção. Todos nós esperamos que, dentro em breve, o problema desses animais tenha sido resolvido da melhor maneira possível. Quando amamos, queremos proteger. É instintivo. E manter os animais nas atuais condições no CCS não é uma prova de amor e de respeito aos mesmos. A adoção de oito

gatos que viviam na arena do Centro da Convivência do CCS, por parte da UFRJ-Convive, é um passo na boa direção. O tempo urge! E a vida não para. Uma prova disto são os seis lindos gatinhos que nasceram recentemente no interbloco J e se somam aos animais que ali vivem...